

OLHARES PARA O MUSEU E A CIDADE NA CONTEMPORANEIDADE: EXPERIMENTOS AUDIOVISUAIS

Modalidade de trabalho: Apresentação oral

Este texto apresenta parte dos resultados de pesquisa¹ que tem a intenção de problematizar o espaço do museu na cidade na contemporaneidade. Os museus, como lugares de memórias e identidades, sempre existiram nas sociedades, funcionando de diferentes maneiras, conforme o período da história que for analisado. Desde a Grécia Antiga, quando dava nome a um templo em Atenas, até os dias atuais, esse espaço foi alternando seu lugar nas cidades e, também, modificando sua função, ora espaços de contemplação, ora de ensino, ora representativos. Conforme a Lei nº 11.904, de janeiro de 2009, os museus são espaços que “[...] conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento”. Para além disso, podemos pensar que os museus podem ser, também, espaços que produzem sensações nas pessoas, como possíveis espaços de experiência, que produzem sentido para as pessoas, e que possam, talvez, nos fazer pensar sobre quem somos, onde estamos e, quem sabe, como nos tornamos o que somos.

A cidade, como o espaço da complexidade, da diversidade, da mutação. Que, mesmo na sua estruturação, cresce de forma caótica, tem sua estrutura organizada por ruas, avenidas, praças, parques, calçadas que estão envolvidos por diversos prédios: residências, lojas, hospitais, prédios públicos e privados, teatros, bibliotecas, museus. As cidades, têm suas histórias, suas formações e seus períodos políticos, econômicos, sociais e culturais. Juntamente com seus processos, ele mesma se processa e se modifica, seus centros podem mudar de lugar, seus prédios podem adotar novas funcionalidades, seus bairros podem aumentar, suas vidas podem se transformar, porque os espaços variam, se tornam outros espaços e passam a gerar novos encontros. Essas são características decorrentes do período que vivemos, o contemporâneo, o momento do agora, o nosso tempo, que gera uma relação única com o próprio tempo, aderindo a ele e também se distanciando dele (AGANBEM, 2009).

Buscando inspiração na cartografia, termo da Geografia que denomina a arte ou técnica de elaboração de mapas ou cartas geográficas a partir dos movimentos de transformação de uma paisagem. Este termo é utilizado por Gilles Deleuze e Felix Guattari (1995) para narrar e expor mapas sociais, políticos e existenciais. Assim, a cartografia é um traçado que se faz junto aos movimentos de transformação de paisagens. Que se difere do mapa convencional, que representa um todo estático, quando acompanha processos, que acontecem em virtude da construção e da desconstrução de certas realidades, criadas a partir de modos de viver e de se relacionar com o mundo.

A cartografia, pode ser, também compreendida como uma análise que acompanha os efeitos dos agenciamentos que fazemos, daquilo que colocamos para conviver, para construirmos um território para análise. Talvez como uma biografia de uma geração, onde as experiências coletivas pedem passagem, onde se escutam as intensidades, a vibração dos fluxos nos corpos. Tentando dar destaque para aquilo que não é visível, e nem por isso é menos reconhecido, ressaltando aquilo que está além da razão, ressaltando aquilo que sentimos.

Segundo Eduardo Rocha (2008), uma forma de ler e compreender o espaço urbano se dá a partir da cartografia urbana, fazendo o pensamento pensar a cidade, o território, de maneira a interpretar e representar as trocas e os acontecimentos realizados na cidade contemporânea, como uma espécie de microanálise do ambiente urbano em conjunto às problemáticas atuais.

¹ Pesquisa em desenvolvimento no Mestrado do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas.

Essa cartografia terá traços etnográficos, utilizando estratégias dessa metodologia da antropologia para ir a campo e coletar dados, bem como para escuta dos atores sociais que fazem parte do universo observado, para auxiliar na compreensão do fenômeno urbano que está sendo estudado. Para tanto, serão utilizados os seguintes procedimentos metodológicos: revisão bibliográfica e conceitual, entrevistas, análise de vídeos produzidos por estudantes de Arquitetura e Urbanismo, dentre outros que poderão surgir durante processo de pesquisa.

Esse estudo inicial tem como recorte o centro da cidade de Pelotas. Trabalhou-se com três museus: o Museu do Doce, o Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo e o Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter. Estes foram escolhidos por estarem vinculados a Universidade Federal de Pelotas, por contarem com tipologia de acervo e públicos diversificados. Poderíamos dizer, também, que eles foram escolhido por estarem, de certa forma, próximos um dos outros, o que poderia sugerir caminho(s) entre eles, formando um território para análise da cidade.

Nesse primeiro momento da pesquisa, foi feito um experimento com um grupo de alunos da disciplina de Cidade e Comunicação Audiovisual, do curso de Arquitetura e Urbanismo, que tem como objetivo criar peças filmicas que versem sobre a cidade na contemporaneidade. Foi sugerido ao grupo que fosse feito um vídeo-conceito, abordando a temática “Museu e Cidade”. Esse vídeo, que deveria ter não mais que 1 minuto de duração, teria a intenção de mostrar como é o olhar de estudantes de arquitetura para a cidade e, especialmente, para os museus da cidade.

O objetivo deste experimento foi capturar o olhar destes estudantes, especialmente para o território onde se encontra cada um dos museus em estudo. Para enxergarmos onde eles se encontram, que outros espaços os cercam, como se comunicam com a cidade arquitetonicamente. Como cada grupo escolheu o roteiro de seu vídeo, cada um apresenta a sua experiência, mesmo que de forma coletiva, suas impressões do espaço do museu em relação a cidade. A partir dos vídeos, deseja-se verificar quais as sensações que são transmitidas, que relações comunicam os vídeos. Desse primeiro experimento surgiram três vídeos, elaborados por grupos menores, com três alunos cada.

O objetivo desta primeira análise é verificar e discutir, com rigor, a relação do museu com a cidade, mais especificamente, quais as relações entre museu e cidade que os vídeos comunicam, quais sensações estes vídeos transmitem. Destaca-se que os vídeos, de maneira geral, mostram a agitação da vida contemporânea, desse momento que vivemos. Verificou-se que nenhum dos vídeos entra no museu, todos apresentam um distanciamento, talvez, com esse espaço, mostrando apenas um pouco do que acontece no entorno deles, da cidade que passa nesse entorno, das relações que ali proliferam, do trânsito, movimentos do território em cada museu está inserido. A partir da experiência, surgiu a necessidade de outros experimentos, através de recurso audiovisual, com tempo maior e com uma abordagem sobre o espaço físico e o sentido do museu. Foi solicitado aos mesmos grupos a produção de um segundo vídeo.

Neste segundo momento, todos aproximam-se do museu, e mostram coisas interessantes, que fazem pensar as funções que esses lugares podem ter na vida da cidade. Podemos, com isso, pensar que o museu pode ser mais do que apenas um lugar de exposições e guarda de memórias, e pensar que os museus podem ser espaços vivos na vida das pessoas, onde elas experimentam, onde elas sentem, espaços que os visitantes interagem de diferentes maneiras, conforme suas vivências e entendimentos de mundo, cada um terá sua experiência com o museu, única e singular.

No momento da pesquisa, busca-se um aprofundamento teórico para, com rigor, construir a cartografia a respeito dos museus e da cidade. Os vídeos contribuem para a análise deste espaço, quando apresentam diversas formas de relação entre o museu e as pessoas que vivem na cidade, e também a relação que ele pode ter com o que acontece a sua volta. Entendendo este espaço como único, capaz de nos fazer sentir em meio a vida agitada das cidades, espaços

que quebram a monotonia e proporcionam experiências, individuais e coletivas, vivenciadas por aqueles que adentram suas portas.